

O SOFRIMENTO PSÍQUICO DOS FORMADORES RELIGIOSOS NA ETAPA DO NOVICIADO¹

THE PSYCHIC SUFFERING OF THE RELIGIOUS INSTRUCTORS IN THE NOVITIATE STAGE

Nilvete Soares Gomes² e Vinícius Guimarães Dornelles³

RESUMO

Neste trabalho, objetiva-se pesquisar o sofrimento psíquico dos formadores religiosos na etapa do noviciado. Para tanto, realizou-se uma pesquisa entrevistando sete formadores(as), mestres de Novícios(as), na região de Porto Alegre, RS. Escolheu-se a referida etapa, por ser o Noviciado o período em que se exige a presença do(a) formador(a) em tempo integral. Para a coleta de dados, foi aplicado um questionário escrito, semiestruturado, contendo quatorze perguntas objetivas e subjetivas. Os dados obtidos foram analisados pelo método da pesquisa qualitativa, utilizando análise de conteúdo. No viés psicanalítico, deu-se a discussão dos resultados. Os dados evidenciaram a existência de sofrimento psíquico, enfatizando a sobrecarga sentida pelos formadores, a dificuldade em lidar com as diferenças na relação interpessoal e grupal e de forma expressiva, as experiências de perda desencadeadas no processo formativo. A realidade de mudança em que vive a sociedade também traz implicações para a formação e questiona a prática formativa na vida religiosa que acentua valores permanentes. O(a) formador(a), por ser aquele que faz a mediação entre o Instituto e os(as) formandos(as), carrega sobre si uma responsabilidade e um compromisso ímpar. Com isso, ele(a) é elemento chave no processo formativo, desempenhando um papel importante e decisivo na formação, além de exercer sua tarefa tendo por foco o compromisso com a qualidade da vocação do(a) jovem perante a missão da Congregação. Desta forma, esta pesquisa amplia o espaço de reflexão, contribuindo no processo formativo para a Vida Religiosa.

Palavras-chave: formação, relação interpessoal, vida religiosa.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the suffering of religious instructors in the novitiate stage. Seven instructors, who live in the region of Porto Alegre, RS, were interviewed. The novitiate stage was chosen because it is the period when the instructor is present full-time. For data collection it was used a written semi-structured questionnaire containing fourteen objective and subjective questions. The data were analyzed in the method of qualitative research, using content analysis. The analysis was made through a psychoanalytic bias. The data showed some psychological distress, which shows the burden felt by the trainers, the difficulty of dealing with differences in interpersonal and group relationships. A most common issue is the loss experiences triggered in the formative process. The reality of change in which the current society lives also influences the formative practice of the religious life that emphasizes enduring values. The trainer is the one who mediates the relation of the Institute and student. He, therefore, carries a great responsibility and

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmica do Curso de Psicologia - Centro Universitário Franciscano.

³ Orientador - Centro Universitário Franciscano.

is a key element in the formative process. The instructor exercises his task with the commitment to support the quality of the student's vocation before the mission of the congregation. Thus, this research extends the space for discussions and supports the training process for a religious life.

Keywords: *training, interpersonal relationship, religious life.*

INTRODUÇÃO

A Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB (2008), fundada em 1954, no Rio de Janeiro, como organização religiosa de direito canônico, tem sua sede na capital federal - Brasília, DF. Ao longo de sua história, constituiu-se como pessoa jurídica de direito privado, como associação de fins não econômicos, mas beneficente, cultural e de assistência social. Seu quadro de associados compõe-se de religiosos sacerdotes, Irmãs e Irmãos residentes no Brasil.

A CRB possui uma Diretoria Nacional composta de 11 (onze) membros, eleitos em assembleia geral para o mandato de três anos, com a finalidade de animar, articular e acompanhar a vida consagrada, no Brasil, promovendo a comunhão entre os membros dos diversos institutos religiosos, fomentando assim a intercongregacionalidade. Dessa forma, incentiva novas relações intercongregacionais, eclesiais e sociais. Dentre as atividades que visam a construção de aliança intercongregacional, destaca-se o serviço de formação dos candidatos à Vida Religiosa, nos diferentes Institutos vinculados.

Assim, para implementar as finalidades e efetuar as ações, a CRB (2008) conta com a organização das vinte Secções Regionais filiadas à entidade que possui regimento interno e programação própria. Dentre essas Secções Regionais, ressalta-se a CRB - Regional (2002/2003), com sede em Porto Alegre, RS. A vida das Congregações Religiosas, no Estado do Rio Grande do Sul, bem como nos demais estados do país, está pensada com a finalidade de animar e dinamizar a organização e os serviços de sustentação da presença e missão dos religiosos no próprio estado, cuja estrutura está vinculada à rede nacional.

Para garantir a continuidade da missão da Vida Religiosa na Igreja e na sociedade bem como o número e qualidade de seus membros, a CRB - Regional, em consonância com as Congregações Religiosas, oferece um programa de formação com etapas definidas, favorecendo vivências e atualização em grupos distintos. Dentre esses grupos, mencionamos o Noviciado intercongregacional - NOVINTER, como auxílio aos formadores na tarefa de formar. Essa formação em rede é destinada aos jovens candidatos à Vida Religiosa, cujo trabalho é acompanhado pelos formadores das diversas congregações.

Considerando-se que as Congregações vinculadas a essa rede têm uma história e cultura própria, ressalta-se que cada uma dispõe de organização e autonomia para encontrar caminhos que possam responder aos desafios do mundo contemporâneo. Para isso, cada Instituto, no seu projeto de

formação, delinea o processo formativo em etapas, a saber: o Aspirantado, que constitui formação para os(as) aspirantes que iniciam um primeiro contato com a congregação; o Postulantado, em que são enfatizados os elementos da fé e a verificação dos aspectos psicológicos, observando se o(a) jovem tem condições psicológicas ou não para aderir à nova forma de vida; o Noviciado, que é a etapa propriamente dita da formação religiosa no Instituto e o Juniorato, etapa essa em que o(a) jovem religioso(a) emite os votos religiosos, e é enviado(a) para os lugares onde o Instituto se faz presente, a fim de exercer a missão específica do Instituto.

A etapa do noviciado, foco desta pesquisa, foi considerada como a etapa de maior relevância no processo formativo, pois, através dela, o(a) jovem é introduzido nos fundamentos e valores do modo de ser da Vida Religiosa, exercitando e experimentando-se na capacidade de convivência grupal e nas exigências da Vida Religiosa. Nessa experiência, verificam-se sua disposição e capacidade de fazer rupturas, bem como sua adesão ao novo estilo de vida.

Dentro da organização da maioria das congregações, o Noviciado compreende dois anos de formação em tempo integral, 24 horas, dispondo-se de um(a) formador(a) que acompanha o processo. Nessa etapa, é o formador quem tem a grande responsabilidade de discernir com o(a) formando(a) se ele(a) está apto(a) ou não para dar sequência à etapa seguinte. Dentro deste contexto, situou-se a importância de dar atenção à pessoa e à função do(a) formador(a) enquanto agente dinamizador da formação.

Considera-se que, para os jovens vocacionados à Vida Religiosa, em que pretendem confirmar ou não sua escolha vocacional, a nova forma de vida provoca ruptura com padrões de vida anteriormente vividos, e o(a) formador(a) é este agente catalisador do processo. Ele, necessariamente, precisa ser continente a toda demanda proveniente da dinâmica formativa. Diante deste confronto, postulou-se aqui a existência de um sofrimento psíquico para o(a) formador(a).

REFERENCIAL TEÓRICO

O Código de Normas da Igreja Católica, no Cân. 607, § 2, define o Instituto Religioso como uma sociedade em que os membros professam publicamente os votos religiosos. Sua organização evidencia a vida em comunidade e em fraternidade. Conforme o Plano de Formação Intercongregacional (PFI) da CRB - Regional de Porto Alegre (2002/2003), a formação tem por objetivo trabalhar a pessoa em todas as dimensões da vida. O PFI define as várias etapas de formação que compreende o Aspirantado, o Postulado, o Noviciado e o Juniorato.

“O Noviciado é o período central da formação à Vida Religiosa” (PFI - CRB - Regional de Porto Alegre, 2002/2003). Nele, o(a) jovem faz uma experiência profunda de Deus, como o Ser iluminador e convocador de sua vocação. O PFI sustenta que o(a) formador(a) desempenha um papel importante e decisivo na formação. Indica o PFI que “Não basta boa vontade, mas preparação científica para tratar dos diferentes assuntos ligados à formação” (PFI-2002/2003, p. 18). Com base

em Freud (1996b), segundo o qual o analista deve servir de modelo para seu paciente, na mesma correlação destaca-se o(a) formador(a), cujo relacionamento deve-se basear no amor e na verdade.

SOFRIMENTO PSÍQUICO

Segundo Freud (1996c), o ego quando sofre inúmeras sensações de sofrimento e malestar cria mecanismos impostos pelo princípio do prazer, a fim de isolar do ego tudo aquilo que possa tornar-se fonte de desprazer.

O sofrimento experimentado por aqueles que prestam serviços em instituição compara-se ao sofrimento que Dejours (1992) aborda acerca da experiência do trabalhador. Ele diz que o sofrimento tem seu início a partir do momento em que a relação homem X organização no trabalho se encontra bloqueada. Ele alerta que não são as exigências mentais ou psíquicas do trabalho que geram o sofrimento, mas sim o nível de insatisfação quando chega ao seu auge, ocasionando a frustração. O(a) formador(a) encontra-se diariamente exposto(a) a um ambiente suscetível a conflitos de relações ou de situações consequentes do ofício e o trabalho pode se converter em uma atividade fatigante.

FENÔMENOS PRESENTES NA RELAÇÃO INTERPESSOAL

Na relação que se estabelece na formação, o(a) formando(a) está suscetível a transferir experiências parentais para o(a) formador(a) ou manter uma relação fusional. Para Cordioli (2008), transferência é o conjunto de fenômenos e processos psicológicos do paciente dirigidos ao analista, em que revive as relações objetais anteriores. Para Freud (1996a), a transferência é ambivalente, porém oferece vantagens na relação. Uma das vantagens é que, quando o paciente coloca o analista no lugar dos pais, poderá corrigir os erros dos quais seus progenitores foram responsáveis. Da mesma forma se dá com a contratransferência. Nela, o paciente pode vir a representar a figura do passado do analista. Segundo o autor, sua superação é a parte que demanda mais tempo e maior esforço no trabalho do analista.

Tais fenômenos são mecanismos de defesa efetuados pelo Ego. Não se pode pensar as condutas defensivas como sendo condutas patológicas, afirma Kusnetzoff (1982). As defesas do Ego são classificadas por Fenichel (2000) como defesas bem-sucedidas e ineficazes. A primeira não tem significado na psicologia das neuroses, pois não produz sofrimento para o Ego. Sobre as defesas bem-sucedidas, ele aponta para a sublimação. Freud (1996c) descreve que a sublimação do instinto faz parte do desenvolvimento cultural de uma sociedade civilizada.

VÍNCULOS E PAPÉIS NA DINÂMICA DE GRUPO

“Vínculo é a estrutura relacional em que ocorre uma ‘experiência emocional’ entre duas ou mais pessoas, ou partes da mesma pessoa” (FERNANDES et al., 2003, p. 44). Para Freud (1996d), o fato de alguém pertencer a um grupo organizado poderá fazê-lo regredir no processo civilizatório. Se isolado representa ser um indivíduo civilizado. Porém, estando integrado em um grupo ou multidão, ele passa a agir por meio de seus instintos. Na relação grupal, vínculos e papéis são notórios. Aí, a figura do(a) formador(a) tem lugar relevante. Na rotatividade de papéis, segundo Osório (2003), o grupo demonstra seu estágio de evolução.

MÉTODO E INSTRUMENTOS DE OPERACIONALIZAÇÃO

Para análise dos dados obtidos na entrevista, foi utilizado o método da pesquisa qualitativa de análise de conteúdo. Ao traçar uma diferença entre pesquisa qualitativa e pesquisa quantitativa, Bauer (2002) salienta que a pesquisa qualitativa se ocupa com as interpretações das realidades sociais, cujos instrumentos se servem, principalmente, da entrevista. O mesmo autor ressalta o significado da pesquisa qualitativa, definindo que para a medida quantitativa em uma pesquisa faz-se necessário ter uma noção das distinções qualitativas entre categorias sociais. Ou seja, para obter dados quantitativos é imprescindível partir de uma análise qualitativa.

Na operacionalização desse estudo, foi feito contato com a Conferência dos Religiosos, em nível de estado, para estudar a viabilidade da pesquisa, obtendo as devidas informações a fim de que possa efetivar um contato com os formadores da etapa do noviciado. Da mesma forma, foi feito um contato com os coordenadores do NOVINTER, agendando a data para a realização da entrevista com os mesmos. Para maior conhecimento acerca da organização da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB, foi solicitada a programação, bem como o projeto de formação nas diferentes etapas. Também foi encaminhada uma carta à presidenta da entidade ou à sua representante, solicitando autorização para efetuação da pesquisa e a resposta foi positiva.

Para cumprir a proposta de formação da CRB, em nível intercongregacional, conforme programação, mensalmente, os formadores reuniram-se em Porto Alegre, RS (CRB - Regional de Porto Alegre, 2002/2003). Após resposta do conselho de ética, foi contatado com os responsáveis da programação, marcando a data da efetuação da entrevista. No ato da pesquisa, foi feito o *rapport*, que constou da apresentação da pesquisadora, explanação dos objetivos e do significado desta pesquisa. Na preparação do material, foi providenciado um envelope para cada participante, contendo duas cópias do Consentimento esclarecido, uma cópia da folha de perguntas e folhas em branco, para possibilitar maior liberdade de expressão nas respostas. Os envelopes foram marcados com o símbolo “de S1 a S7”, identificando os sujeitos, que foram no total de 7 (sete) participantes.

Em respeito aos princípios da ética da pesquisa, os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Após a assinatura, cada participante recebeu uma folha, com questões abertas e fechadas, que foram respondidas para realizar a coleta de dados.

O instrumento de coleta de dados foi um questionário semiestruturado o qual continha 14 (quatorze) questões, entre objetivas e subjetivas, possibilitando maior expressão por parte dos participantes da pesquisa. Para tanto, contou-se com 07 (sete) participantes, recrutados por conveniência e formadores das diversas Congregações Religiosas.

O método utilizado para a discussão dos dados obtidos na entrevista foi o de análise de conteúdo, cuja origem se deu nos Estados Unidos, no século XX. A técnica de análise de conteúdo vem sendo utilizada nos diversos setores das ciências humanas. Sua abordagem pode ser tanto quantitativa para traçar a incidência das características repetidas no texto, como abordagem qualitativa, levando-se em conta a presença ou ausência de uma dada característica ou de um conjunto de características de conteúdo expresso em um determinado fragmento da mensagem (CAREGNATO; MUTTI, 2006).

A análise de conteúdo, como técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, abre possibilidade de produzir inferências a partir daquilo que o texto comunica, evidenciando seu contexto social (CAREGNATO; MUTTI, 2006).

ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a leitura minuciosa dos dados da pesquisa, verificaram-se as incidências nas respostas e foi possível perceber a sobrecarga de atividades a que os formadores especialmente os do sexo masculino estão sujeitos. O convívio com as diferenças culturais e etapas de formação transpareceu um impasse difícil de ultrapassar no âmbito das relações cotidianas. Desta forma, compreende-se o impacto que os processos inconscientes causam à relação interpessoal e grupal.

O perfil do formando que chega à casa de formação com vínculos frágeis foi um dado relevante na pesquisa, implicando no perfil da formação e do formador, exigindo abertura às provocações do contexto pós-moderno. As experiências de perdas consistiram em grande sofrimento psíquico para o(a) formador(a). Da mesma forma, a pesquisa pontuou a necessária definição de papéis entre formador(a) e formando(a) para a eficácia da formação. O apoio da Instituição transpareceu como ajuda nos impasses. Por fim, o(a) formador(a) é obrigado a criar sua própria estratégia de apoio. A pesquisa aponta para a necessidade de manter encontros intercongregacionais, espaço para a partilha das experiências e ajuda profissional.

Pesquisar o sofrimento psíquico dos(as) formadores(as) religiosos(as) consagrados(as), os quais legitimamente foram colocados na tarefa de formar ou educar para a Vida Religiosa, é a razão central desta pesquisa.

Um dos dados colhidos que ilustrou o sofrimento dos(as) participantes da pesquisa refere-se à sobrecarga gerada pela falta de auxílio na formação e pela concentração de funções em detrimento da

formação. Este dado foi mais evidente nos formadores do sexo masculino, porém não dele exclusivo. No entanto, muitas foram as queixas dos(as) formadores(as) que se veem sozinhos(as) para dar conta de uma tarefa que pareceu exigente para ser assumida sem parceria. No entanto, além do cansaço, eles demonstraram que gostam de estar ajudando o outro. A partir daí, pode-se compreender a tendência para o adoecimento e Síndrome de Burnout. Poli (2008) esclarece que esse afã de querer se dedicar aos outros pode ser considerado como uma necessidade e, até mesmo, uma espécie de defesa em relação ao sentimento de frustração diante da expectativa dos outros. Portanto, esta necessidade pode acarretar esgotamento e gerar tensão emocional. A sobrecarga emocional, além da diminuição do entusiasmo e a incapacidade de responder à demanda do outro, pode lançá-lo, ainda mais, em um estresse, por não dar conta da tarefa. Ao mesmo tempo, embora cansado, insiste na demanda do outro, ainda que lhe custe a saúde.

A partir de um estudo publicado pela revista Conselho Federal de Psicologia (2007) a Organização Internacional do Trabalho (OIT) esclarece que entre as enfermidades que atingem o trabalhador devido às más condições e ambiente de trabalho estão os transtornos mentais como depressão, ansiedade, etc., e entre as categorias mais atingidas estão os professores e trabalhadores da saúde. Uma das causas de adoecimento, levantadas pela opinião dos especialistas no referido artigo, é a exposição frequente a situações de extremo desgaste físico e mental, provocados pela necessidade de cumprir metas. Nessa realidade, pode-se inserir o(a) formador(a), nas suas respectivas instituições, que está à mercê das muitas atividades, comprometendo a própria formação, sem tempo para o autocultivo. Porém, como relatou um(a) formador(a): “Este grupo tende a se empenhar mais no fazer” (sic). Muitas vezes, esta atitude é vista como fuga, ou seja, não estará o(a) formador(a) usando de um subterfúgio? E a qualidade da formação que depende do aprofundamento e de sua renovação?

Outro aspecto relevante, coletado nas entrevistas e que fica muito explícito é a dificuldade dos respondentes em conviver ou lidar com as diferenças culturais, de idade, de idioma, de etapas de formação não acompanhadas adequadamente, de diferenças no âmbito provincial e diferenças pessoais na inter-relação. Pode-se compreender tal dificuldade em um contexto maior, pois, levando em conta o tempo em que se vive hoje, o qual segundo o Documento de Aparecida tende a ser caracterizado como sendo “uma mudança de época e seu nível mais profundo é o cultural”. Em um mesmo pensamento, considerando a rapidez da dinâmica de transformações, Sandrini (2007) destaca o tempo acelerado como a característica do mundo atual, que produz mudança de mentalidade.

Desta forma, apresenta-se um cenário diversificado, em que o mundo não conhece fronteiras e a todo instante somos desafiados na ampliação do nosso universo. E assim, na tentativa de conviver com uma realidade padronizada, percebe-se que o entendimento do outro se torna uma realidade mais distante, de difícil acesso, apresentando-se como realidade estranha, difícil de ser manipulada. Talvez possa estar aí o que gera desconforto na formação, pois o(a) formador(a) pode ter a ilusão de que a homogeneidade facilita o processo formativo. Pode até facilitar, sendo menos conflitivo para o(a) formador(a), todavia será empobrecedor. Bauman (2004) descreve que a principal característica da civilidade é a capacidade

de saber interagir com o diferente, os estranhos a nós e que, por vezes, se apresentam na convivência cotidiana, sobretudo, sem utilizar essa estranheza contra eles e ainda sem fazer pressão, no intuito de eles abandonarem ou renunciarem traços de sua diferença, querendo fazê-los iguais.

Como foi mencionado várias vezes na fala dos participantes, (sic) “o desafio das diferenças, cada um brigando pela sua própria cultura, e isso sendo reforçado pelo fato de ser um noviciado interprovincial” cujo(a) formando(a) vem armado(a) de sua província de origem. Pode parecer estranho este contexto. A vida religiosa oferece possibilidades na sua essência como realidade itinerante, para o contato permanente com as diferenças, contando na convivência, com a presença de membros em nível internacional. A diferença não deve constituir problema, mas conteúdo para formar novos agentes que vão inserir-se em um mundo plural. Assim, o esforço para manter a distância do “outro”, aquele que se apresenta diferente na relação, até mesmo o estrangeiro. Não poderá ser a maneira viável de enfrentar a incerteza da existência humana, em um mundo plural, afirma Bauman (2004).

A capacidade de conviver com a diferença, ressalta o autor, é uma arte, e como toda arte necessita ser exercitada e aprofundada no conhecimento a fim de que seja tecida nas várias tonalidades, sem sofrer ameaças. De igual modo, quanto mais empenho houver para tornar uma realidade homogênea, eliminando as diferenças, tanto mais encontrar-se-ão dificuldades para acolher a presença da estranheza que poderá ser o outro. Deste modo, denota a incapacidade de enfrentar a pluralidade de seres humanos e a ambivalência da relação, tomando-a como ameaçadora e instigadora de ansiedade.

Assim é possível entender os fenômenos grupais presentes na fala dos(as) entrevistados(as). Talvez o fato de o(a) formador(a) desejar que o grupo seja coeso, de formar um grupo único, justifica-se pela tendência de querer eliminar as diferenças o que poderá ser mais cômodo tanto para o(a) formador(a) quanto para o(a) formando(a). (sic) “Cada grupo traz sua característica própria e cada ano é um novo ano, um recomeçar. Vou dando tempo, observando, intensifico as conversas individuais e possibilito um trabalho de grupo, onde possam partilhar suas histórias, sua cultura, etc; com isso vou me familiarizando com o novo grupo e criando, ou melhor, encontrando a melhor forma para trabalhar com ele”. “O grupo tem dificuldade de sintonizar entre si. De formar um grupo único”.

Do fato de querer suprimir as diferenças, infere-se um mecanismo de defesa que tanto formador(a) e formando(a) podem lançar mão da negação quando alguma situação torna ameaçador para o Ego. Como fala Fenichel (2000), são defesas necessárias ao Ego. Porém deve-se ter o cuidado para que elas não se tornem repetições patológicas. Partindo desta visão, o grupo, constituído de formador(a) e formando(a), pode estar sempre elaborando seus próprios mecanismos de defesa. Como define Zimmerman (2000), são mecanismos inconscientes que se processam pelo Ego. E quanto mais imaturo e menos desenvolvido estiver o Ego, mais primitivas serão as defesas. O mecanismo fundamental do Ego é o de rejeitar, através da utilização das mais variadas formas de negação, a vivência e tomada de conhecimento de tais experiências emocionais carregadas de ansiedades. Assim, o Ego aprende a usar tal mecanismo para fins hostis a partir de impulsos destrutivos.

Geralmente, a tendência do ser humano é de excluir tudo aquilo que provoca desafio ou desestabiliza o ser e fazer comum, trivial, buscando livrar-se do atrito das diferenças que podem ampliar a capacidade de interagir. Nesse contexto, cabe discutir o processo de discernimento na formação. Nas várias falas, vieram à tona a dificuldade de lidar com a inconstância, a fragilidade ou ainda a vulnerabilidade do(a) formando(a) que procura a Vida Religiosa. Bauman (2001) comenta o título do artigo de um teórico francês, Pierre Bourdieu: “Precariedade, instabilidade, vulnerabilidade”, dizendo que estas são as características mais difundidas das condições da vida contemporânea. E o autor confirma que tudo isso não deixa de ser tentativa de articular e combinar a falta de garantias, de incerteza e de insegurança que tornam os laços humanos cada vez mais frágeis e fáceis de serem rompidos. “Sinto nossas formandas frágeis humanamente e psicologicamente na formação” (sic), explicita o(a) formador(a).

Diante disso, como pensar a solidez do processo formativo e como amenizar a frustração que continuamente assolam a realidade da formação, gerando frustração e culpa no(a) formador(a)? Conforme Bauman (2001), o mesmo autor diz que a dependência como responsabilidade moral pelo outro está-se tornando obsoleta na sociedade líquida. A fluidez, a fragilidade e a transitoriedade em construção são realidades de todas as espécies de vínculos sociais que, anteriormente, eram permanentes. O compromisso com o outro, de forma incondicional, torna-se cada vez mais escasso, como se pode perceber nas relações que se estabelecem socialmente. Sandrini (2007) também fala do impasse que é falar de compromissos imutáveis em uma cultura do relativo e do efêmero. Por outro lado, ele afirma que “o futuro está apenas delineado. Ninguém vive sem um forte sentido” (SANDRINI, 2007, p. 22). Isso significa a capacidade do ser humano de simbolizar para ir dando conta de uma realidade tão mutante.

Longe de dizer aos (as) formadores(as) palavras de conformidade, mas, neste contexto, é imprescindível buscar uma visão ampla para compreender o(a) jovem que chega para a formação e, conseqüentemente, ter bem claro que proposta se tem para oferecer, considerando que a vida religiosa tem valores inegociáveis. No entanto, um mundo que apresenta um futuro sombrio, de riscos, como explica Bauman (2001), não poderá ser atraente assumir compromissos distantes e abandonar interesse privado para potencializar o grupo e sacrificar um presente em nome de uma perspectiva de felicidade futura, uma vez que o “agora” fala por si. No imediatismo do(a) formando(a), entende-se a fala do(a) formador(a) que menciona a saída repentina de um(a) formando(a) sem dar maiores explicações.

Por esta razão, percebe-se a dificuldade do(a) formador(a) em lidar com as perdas, além do mais por serem experimentadas de forma frustrante. Viorst (2002) fala que nós somos indivíduos reprimidos pelo proibido e pelo impossível. Vivemos a partir de experiências de perdas e abandonos, em que mais cedo ou mais tarde, com maior ou menor sofrimento, todos nós compreendemos que a perda é, sem dúvida, uma condição permanente da vida humana, ou seja, processo que faz parte do ciclo vital. A autora, fazendo alusão à obra de Freud “Lamento e melancolia”, menciona que a lamentação pelo que

perdemos trata de um processo difícil e lento, extremamente doloroso quando se trata das pessoas que amamos, como diz o(a) formador(a): “Me sinto muito mal e frustrado quando desiste alguém no qual a gente depositava bastante esperança” (sic). Por outro lado, pergunta-se como pode um(a) formador(a) se ver frustrado pela saída de um(a) formando(a) se o processo é de discernimento? Não cumpriu ele sua tarefa? A menos que o(a) formador(a) sofra frustração ou qualquer outro sentimento pela pouca habilidade no processo de discernir, ou por questões próprias mal elaboradas.

Assim, quando se trata de discernimento vocacional o sentimento de frustração é expressivo na fala dos(as) formadores(as) e logo vem acompanhado de sentimento de culpa, que, para Winnicott (1983), está relacionado com a oportunidade de reparação, “questionando-me o que eu poderia ter feito, ajudado”, “colaborado melhor em sua vida em sua etapa formativa e muitas vezes criticada por outras” (sic) e de outros sentimentos como abalo, pesar, decepção por não conseguir dar resposta. “As frustrações são certas desistências”. “Decepcionada. Em parte culpada. A mesma saiu sem esclarecer o motivo”(sic).

Para o(a) formador(a) parece importante ter bem claro, também, como qualquer dinâmica e vivência grupal ou inter-relacional e que o(a) formando(a) necessariamente passe por um processo de seleção. É imprescindível ao(a) formador(a) enfrentar a questão da indicação e contraindicação para a etapa de formação como sugere Zimmerman (1997), para evitar situações constrangedoras e para detectar motivações insuficientes para a opção que fizeram. Como bem diz na fala da participante: “Às vezes o sentimento de ter sido enganado, de ter gastado tempo e energias em vão”. Ou ainda, “diante da província vivi uma situação constrangedora, pois a mesma era muito elogiada, valorizada. Para as Irmãs era a Noviça Modelo (sic). E no mais, considera-se importante entender a formação como processo, o que, em muitas situações, não impedirá de acontecerem desistências. E quando é assumido a partir de um “contrato” entre as partes, formando(a), formador(a) e Instituição, o processo fluirá com mais segurança e transparência. E a formação no Noviciado não está para purificar as motivações que o(a) fizeram buscar viver a vocação religiosa?

Aqui se pode entender o joeiramento, termo este que remete a uma parábola bíblica tomada do Evangelho segundo Mateus e narra acerca do inimigo que semeou joio no meio do trigo. Joeirar significa aqui a função do(a) formador(a) que ajuda a discernir entre os(as) formandos(as) se estão aptos(as) ou não para prosseguir na etapa posterior de formação. Porém a parábola segue dizendo que é importante não se precipitar na decisão para que não venha a perder o trigo, “deixe crescer um e outro até a colheita” (Mt, 13,30).

Como define o Direito Canônico, “o noviciado destina-se a que os Noviços conheçam melhor a vocação divina, a vocação própria do Instituto, façam experiência do modo de viver do Instituto, conformem com o espírito dele a mente e o coração e comprovem sua intenção e idoneidade” (Cân. 646). O(a) formando(a) poderá estar sendo coerente em sair e o(a) formador(a) da mesma forma. Nessa saída, não está ele(a) optando por uma vocação divina? E o(a) formador(a) não atingiu a meta da etapa de formação? (CNBB, 1983).

Mas, nas desistências, outros sentimentos são presentes. (sic) “Em meio à perda, às vezes, há alívio, porque havia dúvidas quanto a oportunidade que o tornem para frente” além de expressar sentimentos de tranquilidade. Claro que isto não exime o(a) formador(a) de avaliar sua prática e presença, mas nas contra-indicações, Zimerman (1997) fala de vários pontos que possam ser considerados, podendo correlacioná-los com a formação quando ele menciona os mal motivados, deprimidos, paranoides ou narcisista, os que apresentam graves riscos de vida, déficit intelectual, apresentando dificuldades de compreensão da proposta de vida oferecida e tendências a *actings*. Todas essas características são contra-indicações para a vivência grupal, apresentadas pelo autor. Consequentemente, cada Instituto tem definido os pré-requisitos para efetuarem este processo. No entanto, o Direito Canônico, Cân. 643 é bem claro quando fala da inviabilidade do noviciado.

Embora se tenham presente os fatores que possam contra-indicar alguém para a proposta de vida, desenvolvida na formação, vale recordar que o outro é sempre surpreendente. O conhecimento do outro é sempre limitado. “O outro não é puramente instrumental: longe de existir para servir à unificação dos fenômenos” (SARTRE, 1997, p. 297).

Sartre (1997) destaca, ainda, o sentido do lugar que o outro ocupa quando explica: “Significa que o outro, na minha experiência, não é um fenômeno que remeta à minha experiência, mas refere-se por princípio a fenômenos situados fora de toda experiência possível para mim” (p. 296).

Para o autor, o outro é indecifrável, pois ele carrega em si cadeias de significações que permitem o deslizar do outro na tentativa de capturá-lo. Isto remete à função paterna como organização das significações e Vanier (2005), tratando sobre a função do pai como a articuladora do sujeito, afirma que a castração constitui o centro do complexo de Édipo simbólico e esta castração pode ser compreendida como renúncia, uma perda do gozo necessária para que o sujeito possa entrar na ordem do simbólico. Assim, compreende o processo civilizatório na obra de Freud (1996b) sendo possível o humano conviver na coletividade.

A função fraterna está ligada à dimensão ética, em que a alteridade é levada em conta, como estrutura da subjetividade. A função fraterna vem para restaurar a confiança dos sujeitos nos laços sociais. Junto a isso, com a entrada do irmão, o que antes era semelhança, irrompe na “fratria”, (termo usado pela autora) atitudes de rivalidade nas quais o outro que chega, como estrangeiro na relação, causa estranheza e disputa. Na verdade, esse outro que chega vai rompendo com a imagem de um eu narcíseo, em busca de uma diferenciação para que o outro se constitua como sujeito (KEHL, 2000). Neste contexto, compreende-se o papel do(a) formador(a) que para o(a) formando(a) cumpre a função paterna, na condição de lei. Ele(a) carrega a norma, o legado, o simbólico da instituição. Porém, muitas vezes, ela cumpre a função materna, como diz Winnicott (1983), de uma mãe suficientemente boa.

Sobre função materna, Vanier (2005), referindo-se acerca do estágio do espelho, considera-o como paradigma na compreensão deste momento do desenvolvimento infantil em que inicia uma

relação do outro com seu semelhante, reconhecendo nele sua imagem. Nesta busca do reconhecimento, produz-se uma identificação na forma total do corpo que vai remetendo ao sentimento de unidade, como também de domínio, em uma relação de dependência do outro. Nesta identificação, funda-se o Eu, como origem que se constituiu pela soma dessas identificações que o espelho possibilitou acesso. Porém corre-se o perigo da relação fusional, fixando o sujeito na fase oral, para Freud ou no estágio do espelho para Lacan, impedindo seu desenvolvimento normal.

Na correlação com esta função materna, entende-se o que acontece na fase oral, fase da incorporação, considerada por Kusnetzoff (1982) a mais arcaica. Aqui pode ser entendida neste processo formativo como a assimilação de que fala o(a) formador(a) quando menciona que (sic) “a assimilação dos valores próprios da Congregação demora a ser internalizado e colocado em prática. Dessa forma, há uma introjeção e não uma produção do conhecimento ou da tradição ensinada”.

É possível compreender que a introjeção de conteúdos, como movimento de fora para dentro, compara-se à relação dual que nada mais é do que a relação da mãe frente à necessidade do bebê, na fase oral, especialmente. Para Fenichel (2000), o estágio precoce de desenvolvimento é o lugar do ego prazeroso no qual tudo que se experimenta como agradável é introjetado. O uso da introjeção na fase infantil considera-se benéfico para o desenvolvimento do Ego, porém, no adulto, ele incorpora qualidades de um determinado objeto exterior, a utiliza como defesa. Dessa forma, o Ego cria um espaço interior, vinculando-se às suas fantasias, prejudicando a relação com a realidade que o cerca (KUSNETZOFF, 1982). Porém se o(a) formador(a) sustenta uma relação de dependência com o(a) formando(a) poderá mantê-lo na infantilidade.

Para que haja consistência naquilo que se transmite ao(a) formando(a), sugere-se um processo de construção como fala Laplanche (2001), termo este usado por Freud na sua obra “Construções na análise”, fazendo referência ao processo analítico. Uma construção, para o autor, quando precisa e comunicada no momento em que o paciente está preparado para acolhê-la, favorecerá para que recordações recalcadas possam vir à tona, permitindo ao analisando (re) significar suas experiências, como uma reconstrução de processos inconscientes. É como a proposta de Freire (1970), que fala sobre educação bancária, em que o educando se torna mero depósito do saber do educador, esclarecendo que desta forma não pode haver saber e nem transformação.

Assim, Folberg (2002), comentando sobre a teoria dos quatro discursos de Lacan (do mestre, do analista, do histórico e do universitário) refere que a característica do “Discurso do Mestre” é a de conseguir organizar o saber ordenado, a partir de si e das soluções por ele encontradas, que o colocou no lugar de mestre. Para oferecer a verdade final, a busca, a generalização de seu saber, como outra característica do discurso do mestre, acaba por produzir a cristalização dos lugares e dos discursos. Podendo aplicar na dinâmica da formação, diz Folberg (2002) que o psicanalista não respondendo à demanda do analisando, mas pontuando sua própria fala, faz com que ele escute e (re) signifique sua história, podendo, assim, gerar mudanças em sua posição fantasmática.

A autora propõe a saída do paradoxo, ou seja, que o educador transite pelo “Discurso do analista”, sobretudo quando consegue perceber a hora de sair do lugar do saber, saindo de cena, com intento de relativizar suas certezas e deixando seus educandos produzirem e transformarem o que lhes foi transmitido em algo próprio. Se o(a) formador(a) for capaz de introduzir esta prática, o processo formativo produzirá nele satisfação e não sofrimento.

A condição do “sujeito suposto saber” leva-se a pensar no perfil do(a) formador(a) e o que ele representa na vida do(a) formando(a) em processo de formação para a Vida Religiosa. Neste sentido, Poli (2008) menciona que o apoio eficaz de um líder se faz sentir pela sua presença significativa, no ensejo de superar, sobretudo, o preconceito defensivo. Ainda afirma que esta presença não significa apenas presença física, mas uma atitude amável, com orientação clara, eficaz e desarmada que permite aos integrantes diferenciar-se em suas diversidades, sem distanciar-se do projeto comum. E Zimmerman (1997) afirma que o líder do grupo age como facilitador dos processos de mudanças, assim como o(a) formador(a) podendo recair nele o peso da responsabilidade conferida pela instituição e despertar resistência dos(as) noviços(as).

Para ilustrar, na fala (sic), “quando o formando se colocou em clara oposição com as minhas orientações”, o(a) formador(a) revela que, muitas vezes, ele é acometido por reações de hostilidade do formando, falando de uma relação transferencial e conseqüentemente contratransferencial, ou ainda, falando de uma descarga pulsional que Laplanche (2001) nomeia pulsão como as “forças que supomos existirem por trás das tensões geradoras de necessidade do id”. O(a) formando(a) sente-se ameaçado.

Assim, os(as) formadores(as) diante dos impasses em que se veem sozinhos para gerenciá-los, como destacado anteriormente, eles(as) são obrigados(as) a criar suas próprias estratégias para se situarem frente à demanda do outro. Sem dúvida, cabe ao Instituto, na pessoa de seus representantes, fazer-se mais presente para ouvir as queixas do(a) formador(a). Embora eles(as) ressaltassem ajuda recebida do Instituto, mas, junto a esse reconhecimento, ouviu-se um clamor: “não posso me queixar de nada, somente gostaria de ter um ajudante”. Além dessa ajuda, nos tempos em que se vive com mudanças de paradigmas, e de forma veloz, além de crises mais emergentes, é imprescindível que os(as) formadores(as) tenham apoio de profissionais. Hoje, não é luxo ou contra o voto de pobreza, contar com ajuda de profissionais da psicologia, tanto para formadores(as) quanto para formandos(as) quando necessitados. Existe ainda muito preconceito acerca disso. Neste sentido, Bock (2003) afirma:

Nossa intervenção deve se dar no sentido de criar condições para o indivíduo se apropriar de suas determinações, sua história, seus conflitos, caminhando para a compreensão de si e do outro, menos preconceituosa, estereotipada e ideológica. Isso significa trabalhar na produção de novos sentidos, de ressignificação das relações e experiências vividas, relações estas que, muitas vezes, são mantenedoras da mesmice, da exclusão e da exploração, de modo a promover a saúde (p. 152).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das falas dos(as) formadores(as) percebeu-se que, em muitos momentos, a formação constituiu-se desafio para eles(as), sobretudo na dificuldade de lidar com as diferenças nas mais variadas formas. Soma-se a sobrecarga e a solidão quando entra no campo do discernimento do futuro vocacional de pessoas. Desta forma, o processo de discernimento transpareceu como fator que mais causa sofrimento para o(a) formador(a). Neste processo, as desistências permitiram ao(à) formador(a) experimentar a vulnerabilidade e a insegurança.

Quanto à interferência da Instituição no trabalho da formação, na hipótese de pensar que ela seria, também, causadora de sofrimento para o(a) formador(a), este foi um dado surpreendente, quando os(as) formadores(as) trouxeram a presença de seu Instituto na sua fala, mencionando que as Congregações muito têm feito para apoiá-los em sua tarefa. Este apoio se faz sentir na confiança e na liberdade para com o(a) formador(a), como também oferecendo-lhes possibilidade de formação para o bom desempenho de sua missão.

Foram notáveis, também, as estratégias de ajuda a que os(as) próprios(as) formadores(as) recorreram para amenizar seu sofrimento, ressaltando o cuidado que a CRB tem ao proporcionar ambientes Intercongregacionais de partilha do processo formativo. Porém, percebe-se a necessidade de se criar espaço para compartilhar experiências e que formadores(as) possam ser acompanhados por um profissional que os(as) ajude na elaboração e ressignificação dos processos de convivência.

Por outro lado, formadores(as) relataram que a formação é uma experiência gratificante e de crescimento por eles(as) estarem envolvidos(as) com o mistério de Deus na pessoa. Além disso, considera-se fundamental que os institutos invistam na formação continuada dos(as) formadores(as), proporcionando-lhes renovação teórica e método a fim de aperfeiçoar sua prática para que consigam fazer frente aos desafios da época.

A acolhida da CRB de Porto Alegre e a abertura dos(as) formadores(as) em oferecer dados que enriqueceram esta pesquisa foram notáveis e confirmaram a hipótese de que a formação, no noviciado, produz sofrimento psíquico para o(a) formador(a). Porém, deixa subjacente o sofrimento do(a) formando(a). Assim, fica o desafio para que o estudo das questões levantadas aqui possa despertar interesse a outros pesquisadores.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

- _____. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. **A perspectiva sócio-histórica na formação em psicologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso *versus* análise de conteúdo. **Texto contexto - enferm.**, v. 15, n. 4, p. 679-684, 2006.
- CNBB-CONFERÊNCIA DOS BISPOS DO BRASIL. João Paulo II. **Código de Direito Canônico**. Trad. Oficial. Brasília: Loyola, 1983.
- CRB-CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. 2008. Disponível em: <www.crbnacional.org.br>. Acesso em: 26 abr. 2008.
- CRB-REGIONAL. Plano de formação Intercongregacional. **Seguindo Jesus**. Porto Alegre: 2002/2003.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Quando o trabalho faz adoecer. **Revista Diálogos**, Brasília, v. 4, n. 5, p. 22-23, 2007.
- CORDIOLI, Aristides Volpato. **Psicoterapias: abordagens atuais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- DEJOURS, Chritophe. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. Trad. de Ana Isabel Paraguay e Lucia Leal Ferreira. 5. ed. ampliada. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.
- FENICHEL, Oto. **Teoria psicanalítica das neuroses**. São Paulo: Atheneu, 2000.
- FERNANDES, J.; SVARTMAN, B.; FERNANDES, B. S. **Grupos e configurações vinculares**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- FOLBERG, Maria Nestrovski (Org.). **Desdobrando o avesso da psicanálise**. Porto Alegre: M.N.F/Evangraf, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- FREUD, Sigmund. **A técnica da psicanálise (1938)**. Obras completas: v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.
- _____. **Análise Terminável e Interminável (1937)**. Obras completas: v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.
- _____. **O Mal-estar na Civilização(1930[1929])**. Obras completas: v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.
- _____. **Psicologia de Grupo e a Análise do Ego (1921)**. Obras Completas: v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996d.

KEHL, Maria Rita (Org.). **Função fraterna**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

KUSNETZOFF, Juan Carlos. **Introdução à psicopatologia psicanalítica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

OSORIO, Luiz Carlos. **Psicologia grupal uma nova disciplina para o advento de uma era**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

POLI, Gian Franco. **Liderança e bem-estar interpessoal nas comunidades religiosas**. São Paulo: Paulinas, 2008.

SANDRINI, Marcos. **Para Sempre!** o compromisso ético do educador. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de Ontologia Fenomenológica**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

VANIER, Alain. **Lacan**. Tradução Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

VIORST, Judith. **Perdas necessárias**. São Paulo: Melhoramento, 2002.

WINNICOTT, Donald. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

ZIMERMAN, D. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.